

Sorocaba na Revolução de 1932



Ensaio

da autoria do Historiador, Folclorista e Poeta

Carlos Carvalho Cavalheiro

Colaborador Emérito do Núcleo MMDC de Itapetininga



Núcleo MMDC de Itapetininga

Sociedade Veteranos de 32-MMDC

12 de Outubro de 2016

I. A Revolução Constitucionalista de 1932 em Sorocaba

Sorocaba era uma importante cidade do interior paulista na década de 1930, contando com um aglomerado de fábricas de tecido de grande porte, além de outros empreendimentos que fizeram a fama da localidade como a “Manchester Paulista”.

Entre 1929 e 1930 havia 7574 operários em Sorocaba, na contabilidade feita pelo registro obrigatório na Polícia local, eis que para o “controle social”, os trabalhadores eram fichados.

Em 1932 o número de trabalhadores cresce para 8338, distribuídos da seguinte forma: a Fábrica têxtil de Votorantim possuía 2818 operários, a Fábrica Santa Rosália, 878, a Fábrica Santa Maria, 805, a Fábrica Santo Antônio, 1074, a Fábrica São Paulo, 229, a Fábrica Nossa Senhora da Ponte, 941, a Fábrica de Enxadas, 103, a Fábrica de Arreios, 46, a Fábrica de facas e facões, 14 e as Oficinas da Sorocabana, 1430 operários (CAVALHEIRO, 2001).

A população local era de 78937 habitantes. A cidade, 38775. Na zona rural, 20679 habitantes. Os outros 19483 habitantes estavam distribuídos nos distritos de Votorantim (5217), Salto de Pirapora (888), Campo Largo (12019) e Brigadeiro Tobias (1359).

As organizações operárias giravam em torno dos ideais anarquistas e anarcossindicalistas, principalmente, sendo que o comunismo começava a adentrar no meio trabalhador sorocabano.

De outro lado, organizações de caráter fascista como a Legião Revolucionária e o Partido Nacional Fascista Italiano e o Dopolavoro também se faziam presentes. Em 1931 fundou-se em Sorocaba uma seção da Frente Negra Brasileira, organização que militava pela valorização social dos negros, especialmente em São Paulo. Do ponto de vista político partidário, permanecia o ideal liberal e os partidos tradicionais, como o Partido Democrático e o Partido Republicano Paulista, também disputavam o poder local.

A eclosão do movimento Constitucionalista de 1932 encontrará esse cenário em Sorocaba. Como bem salientou o historiador Boris Fausto, “O movimento de 1932 uniu diferentes setores sociais, da cafeicultura à classe média, passando pelos industriais. Só a classe operária organizada, que se lançara em algumas greves importantes no primeiro semestre de 1932, ficou à margem dos acontecimentos” (FAUSTO, 1999, p. 346). Em Sorocaba, os operários ligados os movimentos de trabalhadores também mostravam resistência aos apelos para a participação na Revolução que estourava no dia 9 de julho (CAVALHEIRO, 2001).

Porém outros setores da sociedade estiveram engajados no movimento revoltoso. Já nos primeiros dias após a eclosão da Revolução, o jornal Cruzeiro do Sul noticiou:

Movimento Constitucionalista de S. Paulo. Em Sorocaba a atitude de S. Paulo foi recebida com justificado jubilo popular, mantendo se o povo na praça cathedral em comentarios favoráveis. À hora do concerto musical a banda executou o hymno nacional, ouvindo-se ao final vibrantes applausos e vivas. A população se mantem em calma e na mais perfeita ordem. E é preciso que isso continue não só para o socego da família sorocabana como também porque é essa uma das melhores maneiras de se concorrer para a causa que nesta hora empolga todos os corações (CRUZEIRO DO SUL, 1932, p. 1).

Nesse mesmo dia noticiou-se a espera de 800 praças providas de Mato Grosso, que seriam alojadas no Teatro São Raphael, em Sorocaba. No dia seguinte, dia 12 de julho de 1932, foi aberto o voluntariado sorocabano com a partida, no mesmo dia, dos primeiros combatentes.

A história registrou os seus nomes: Jorge Martins Passos, Francisco Amaral Rogich, Leão Amaral Rogich, Rubens Scherepel, Rubens Gonçalves, Álvaro Martins Filho, Brasil Melchior, Carmo Scarpa, Hylário Corrêa¹, José Vieira Rodrigues, José Ibrahim Saker, Líbero Mudini, Ovídio Cattuzzo, Floriano Pacheco e Ary Seabra. Concomitantemente fundou-se a sede do MMDC em Sorocaba, numa sessão em que estiveram presentes o prefeito Octacílio Malheiro, Porphyrio Loureiro, Capitão Augusto do Nascimento Filho, Affonso Vergueiro, José Carlos Salles Gomes, Hernani Ferreira Braga e João Pereira Ignácio, este último representando o distrito de Votorantim.

Os primeiros voluntários escreveram uma eloqüente mensagem aos jovens sorocabanos, incitando-os a também partirem para a batalha:

Mensagem de moços. É da primeira leva de voluntários moços de Sorocaba a seguinte mensagem a nós entregue: **CONTERRÂNEOS: A época é de acções e não de palavras. Mentiríamos ao nosso honroso título de Paulistas, se nos deixássemos quedar indifferentes ante os acontecimentos históricos do momento. Eis porque partimos para a Capital do Estado, dispostos se mister for, a sacrificar a nossa vida em holocausto á causa Bandeirante. Ao partimos, levamos a convicção de que somos acompanhados pelo vosso beneplácito, porque vós também sois Paulistas. Si, como tudo faz suppor, a causa Paulista for victoriosa, voltaremos satisfeitos de haver cumprido o nosso dever. Si tombarmos no campo da luta e da honra, vós conterrâneos queridos, irei nos substituir! Gentes conterrâneas! Juntae as vossas orações ás de nossas mães, para que possamos brevemente regressar incólumes, trazendo a nova palpitante do triumpho da causa de nossa terra! (aa) Hilario Correa – Ary Seabra – Jorge M. Passos – Francisco M. Rogich – Rubens Gonçalves – Rubens Schrepel – Alvaro Martins Filho. (CRUZEIRO DO SUL, 1932, p.1).**

¹ Em um artigo intitulado “Nove de Julho”, o escritor Hilário Correia diz que “o primeiro voluntário sorocabano a partir para o front, arrastando atraz de si mais uma dúzia de êmulos (...) foi este seu amigo e criado”. Hilário Correia foi, portanto, o primeiro a se inscrever como voluntário na Revolução de 1932. O artigo citado foi publicado no jornal “O 3 de Março” em 14 de julho de 1957, página 3.

A organização “MMDC” de Sorocaba tinha por fim o alistamento de voluntários e era filiada ao Comando Geral da Capital. O Dr. Adhemar de Sousa Queiróz, nomeado pelo Comando Geral do MMDC de São Paulo, presidiu a sessão de fundação da MMDC de Sorocaba, em 11 de julho de 1932, e da qual participaram ainda o prefeito Octacilio Malheiro, Porphyrio Loureiro, capitão Augusto do Nascimento Filho, Dr. Affonso Vergueiro, Dr. José Carlos de Salles Gomes, Dr. Hernani Ferreira Braga e o Sr. João Pereira Ignácio, representante do distrito de Votorantim (então pertencente a Sorocaba). Durante a Revolução, a organização “MMDC” ficou instalada em salas da prefeitura municipal.

A velha oligarquia paulista ressentiu-se da falta de exercício na política nacional. Os mandatários de antes agora estavam no ostracismo. E não eram somente os inimigos políticos da Revolução. Tanto o PRP quanto o PD paulista estavam relegados a um plano inferior na política nacional. Em Sorocaba essas duas forças, antes opostas, se uniram em prol da Revolução². Igualmente fizeram os partidos regionais do Rio Grande do Sul, rompendo com Getúlio, e formando a Frente Única Gaúcha. Com isso, e com a promessa da entrada dos mineiros na revolta, os paulistas animaram-se para a luta.

No dia 13, fundou-se a Caixa Popular, com intenção de prestar auxílios aos voluntários pobres. Os estudantes do Ginásio Municipal e da Escola Normal (ambos no mesmo prédio) telegrafaram ao governador do Estado:

Exmo. Sr. Embaixador Pedro de Toledo, muito digno governador de S. Paulo. Normalistas e gymnasianos de Sorocaba, solidários na cruzada patriótica de constitucionalização do paiz, hypothecam seu apoio a V.Exa. Sorocaba, 13-7-1932.

Criou-se um Batalhão Infantil com mais de duzentas crianças. Também um Batalhão Feminino. A colônia espanhola realizou um espetáculo, através do G.D. Dicenta³, apresentado no dia 15 de agosto no Teatro São José, cuja bilheteria foi destinada a causa paulista. Também a mesma colônia, através da empresa André Asensio & Irmãos, arrecadou alimentos, roupas e dinheiro para o triunfo da Revolução.

Os clubes de futebol também fizeram a sua parte: o Esporte Clube Savóia, de Votorantim, o extinto Guarany Futebol Clube, o São Paulo Junior, o Sport Club Sorocabano, o Sorocaba-Paulista (reunidos) e o São Bento doaram suas gloriosas taças angariadas em diversos campeonatos. Esse material foi doado para o Material Bélico das Forças Constitucionalistas: virou munição. João Genésio de Luca esteve em Sorocaba arrecadando “utensílios imprestáveis de metal”, preferencialmente de cobre, zinco, chumbo e latão.

² “Aqueles ótimos novos governantes caíram ao sopro da Revolução de 1930, com os mesmos que combateram. Juntos se reergueram para a epopéia de 1932” (ALMEIDA, 1969, p. 180).

³ Grêmio Dramático Dicenta

No dia 16 de julho o prefeito Octacílio Malheiro renunciou. Em seu lugar, provisoriamente, subiu o capitão Augusto César do Nascimento Filho. Posteriormente assumiu esse cargo o senhor Ernesto de Campos.

A Companhia Nacional de Estamparia, a maior organização industrial sorocabana, ofereceu ajuda financeira aos trabalhadores que se dispusessem partir para o *front*. A mesma Companhia forneceu material para a confecção de distintivos aos combatentes da MMDC.

O jornal Cruzeiro do Sul noticiou que chegou a cifra de 105 os voluntários sorocabanos que pertenciam aos quadros de funcionários das fábricas do Comendador Pereira Ignácio, o qual garantiu o salário dos mesmos durante todo o tempo de incorporação ao exército rebelde (CRUZEIRO DO SUL, 1932).

Muitos dos sorocabanos partiram para Lorena, engajados no Batalhão Santos Dumont.

Oficialmente, a Frente Negra não quis participar desse Movimento. Com isso, ocorreu uma divisão nessa organização e fundou-se a Legião Negra, responsável pelo alistamento de homens negros que quisessem lutar pela constitucionalização do país. Com isso, em Sorocaba publicou-se a nota em que deixa claro que “O MMDC aceita inscrições dos valorosos homens de cor, para formarem batalhões da Legião Negra” (CRUZEIRO DO SUL, 1932, p. 1). Sabe-se que dentre os sorocabanos que partiram pela Legião Negra estava o major João de Almeida Melces (CAVALHEIRO, 2013).

O Tiro de Guerra de Sorocaba enviou mais 100 homens, segundo os dados informados pelo historiador Aluísio de Almeida. Sobre o total de sorocabanos que partiram para os campos de batalha nessa Revolução, as informações são divergentes. Segundo o mesmo historiador Aluísio de Almeida, os números são bastante discrepantes. Diz o historiador:

Os primeiros voluntários são nitidamente nomes das classes não operárias. Em seguida, todos aderem. O jornal, refletindo a zoadia popular, calcula em 2000 o número de sorocabanos nas fileiras. O M.M.D.C. ajuda-o nessa exaltação. Ora, ou as listas quase diárias das pessoas que seguiram foram injustamente incompletas ou o total não atingiu a 1000. Mas, 900 ou 950 é um número imponente (ALMEIDA, 2002, p. 401).

A segunda lista de voluntários sorocabanos contou com os seguintes nomes: Antonio Almeida Filho, José d’Ambrosio, José Soares, Abilio Soares Filho, Manoel Soares, Jorge Pilar, João Lisboa, Oswaldo Fasano, Sylvio Rocha, Germinal Signorelli, Pedro Oliveira e Antonio Antunes Almeida.

Em agosto, o hospital da Santa Casa de Sorocaba serviu quase que exclusivamente aos feridos nos combates. Também levantou-se um Hospital provisório no distrito de Votorantim (ALMEIDA, 2002, p. 400).

Apesar da vontade e do empenho dos paulistas, as forças federais eram numericamente superiores. Diz o historiador Boris Fausto:

Mas a superioridade militar dos governistas era evidente. No setor sul, as forças do Exército contavam com 18 mil homens, além da Brigada Gaúcha e outros contingentes menores. Os paulistas não passavam de 8500 homens. As forças federais contavam também com munição suficiente e artilharia pesada, contrastando com a precariedade dos meios à disposição dos revolucionários. No ar, os paulistas perdiam nitidamente para a aviação do governo federal. A Revolução de 1932 marcou aliás o ingresso da aviação no Brasil como arma de combate, em proporções consideráveis. Apesar do desequilíbrio de forças, a luta durou quase três meses. O ataque sobre o território paulista foi lançado a partir do sul do estado, da fronteira com Minas Gerais e do Vale do Paraíba (FAUSTO, 1999, p. 350).

Nos primeiros dias de outubro os jornais sorocabanos anunciam o armistício. Era o fim da Revolução Constitucionalista. Aos paulistas, a derrota com sabor de vitória: o Brasil teve a sua Constituição promulgada em 1934. Talvez por esse motivo essa seja a única Revolução não triunfante a receber, em sua homenagem, um feriado estadual.

A seguir, apresentamos o depoimento de um ex-combatente de Sorocaba neste que foi o maior movimento cívico da História do Estado de São Paulo.

II. Depoimento de José Gonçalves Franco

veterano sorocabano da Revolução de 1932 a Carlos Carvalho Cavalheiro

No dia 21 de maio de 1993, o Movimento Cultural Sepé-Tiaraju, que agregava em torno de si jovens preocupados com questões relacionadas à cultura de Sorocaba⁴; promoveu uma palestra sobre a participação de Sorocaba na Revolução Constitucionalista de 1932, no Salão Áudio Visual das Faculdades Integradas “Dom Aguirre” (atual UNISO – Universidade de Sorocaba), em que foram palestrantes os veteranos de 32 José Gonçalves Franco e Mário Baroni.

Adiante reproduzida está a fala integral do senhor José Gonçalves Franco, extraída por meio de transcrição realizada por Carlos Carvalho Cavalheiro em áudio gravado por um dos assistentes da palestra.

⁴ O Movimento Cultural Sepé-Tiaraju promoveu em 1993 diversas atividades no campo cultural. Além da palestra, alvo deste texto, promoveu um debate sobre Socialismo; produziu um jornal mimeografado intitulado “Movido à Álcool”; promoveu uma campanha de abaixo-assinado contra o desmatamento de uma área verde no Jardim Brasilândia; apresentou diversas propostas de indicações e leis a vereadores entre tantas outras. O Movimento ainda foi responsável por auxiliar Grêmios Estudantis em sua organização, promoveu exposições de desenhos e também de poesias. Dentre os jovens mais atuantes, estavam os fundadores do Movimento: Carlos Carvalho Cavalheiro, Carlos Alberto Muniz dos Santos e Mozart Jorge Dobosz Araújo.

Veterano José Gonçalves Franco:



Eu gostaria de lembrar que diante dessa juventude brilhante, nós estamos aqui a pedido da comissão de vocês, o jovem Carlos e os demais, para que falássemos alguma coisa sobre a participação de Sorocaba na Revolução de 1932. Nós temos aqui, só para incrementar, uns recortes de jornal em que dizem “Sorocaba Revolucionária”. Pode mostrar aí para o pessoal. “Sorocaba Revolucionária”, isto é, Sorocaba não podia ficar alheia ao movimento eclodido primeiramente no dia 23 de maio em que quatro jovens, estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, foram imolados em prol dos ideais da Revolução de 1932. Martins, Miragaia, Dráusio e

Camargo, quatro jovens idealistas, sonhadores como vocês, que ao eclodir o Movimento de 1932 no dia 23 de maio, que é chamado hoje de dia da Juventude Constitucionalista. Neste ano vamos completar 61 anos da Revolução de 1932. Naquela época eu tinha... mal estava completando meus 18 anos e já era soldado. Mário também com a mesma idade, um pouquinho mais jovem, já com os mesmos ideais de dar ao Brasil o que eu vou mostrar agora [segura um livro]. O que é isto aqui? Ah, uma Constituição. Então, sempre que eu começo minhas palestras eu pergunto: - O que é uma Constituição? Todo mundo vai dizer: “é a lei básica, fundamental, que regula os direitos fundamentais do cidadão, e assim sucessivamente”. E a gente, só por causa de uma Constituição, São Paulo se abateu. E não os outros objetivos que denegriram a imagem dos ex-combatentes de 32. A juventude sorocabana não podia ficar alheia, como não ficou, como prova esse recorte de jornal aí. E nenhuma das outras cidades: Ribeirão Preto, Casa Branca, Campinas... Queluz, a zona do Vale do Paraíba, lá do lado de Minas Gerais, lá do lado de Mato Grosso do Sul. E assim Sorocaba viveu dias agitados, dias memoráveis, dias de alegria e tristeza. Alegria dos jovens que queriam participar do antigo Exército Constitucionalista. Tristeza para as mães e os pais que deixavam seus filhos. E quantos partiram! Quantos! Mas como surgiu isso aí? Porque, como vocês sabem, nós tivemos a nossa primeira Constituição ditada, outorgada por Dom Pedro I, lá nos idos do primeiro Império, em 1824. Foi outorgada, imposta. Depois daquilo, vivemos um período de insatisfação e só tivemos uma 2ª Constituição, a primeira da República. Quem se lembra? De 1891, quando foi deposto o 2º Império das mãos de Dom Pedro II e proclamada a República. E o Brasil foi vivendo dias agitados até o início de 1930 quando houve uma eleição para presidente de República. Dois candidatos: Getúlio Dornelles Vargas pelo Rio Grande do Sul e outros Estados e Júlio Prestes de Albuquerque apoiado por um só Estado: São Paulo. Getúlio era apoiado pelos outros [Estados], e

quem ganhou a eleição? Júlio Prestes de Albuquerque. E como era natural, Getúlio Vargas se insurgiu e aí surgiu a revolta, a Revolução de 1930. E como todo elemento que galga o poder, promete muita coisa. E Getúlio havia prometido uma nova Constituição ao Brasil, porque a de 1891 já estava ultrapassada. Dois anos são passados e São Paulo fazendo “ponte”. Todo mundo sabe a história de São Paulo. Líder da Federação, sem ofender quem quer que seja de outro Estado, São Paulo é uma locomotiva puxando vinte vagões vazios. Mas embora essa pecha que falam de São Paulo – a locomotiva puxando vinte vagões vazios –, São Paulo nunca pensou, nunca passou pela minha ideia, nem na do Mário e outros companheiros, os ideais de um separatismo do Brasil. O ideal foi somente esse: dar ao nosso Brasil uma nova Constituição prometida pelo próprio presidente Getúlio Vargas. Dois anos são passados e ele não deu. Então, eclodiu esse movimento no dia 23 de maio. Talvez por motivos políticos, motivos sociais, quem sabe? Há muita coisa na História da Revolução de 1932 que ainda está para ser escrita. Muitos livros foram feitos, recortes de jornais, apanhados, revistas, mas muita coisa está ainda para ser definida para o Brasil. O fato é que Sorocaba não podia ficar e não ficou alheia ao Movimento de 1932. Os políticos saíam às ruas conclamando a juventude a se alistar. E foram dias agitados, alegres e tristes ao mesmo tempo. Jovens da idade de vocês, 17, 18, 19, 20, 21 e até 14, 15 anos. Há recortes que dizem que “se nos deixarem, nós iremos também”, juventude de 13 e 14 anos querendo se alistar. Na História do Brasil vocês têm uma história longa de uma heroína. Quem é que se lembra? Uma heroína brasileira? Maria Quitéria. Seu pai havia já perdido os quatro filhos na frente de combate e ela também se ofereceu. Mas como era mulher, não poderia participar. E ela conseguiu o quê? Uma roupa, uma farda de seu irmão e se alistou e partiu para a frente de combate. E só descobriram que era mulher porque ela foi ferida. Quer dizer, tiveram que fazer um exame, passar por um exame físico que ela aí teria que tirar sua farda. Aí que descobriram. Saiu aí, dias atrás nos jornais publicado: a grande heroína Maria Quitéria. Então, a gente pensando bem na História de Sorocaba, vocês já viram o que é a Constituição, tivemos uma coleção de constituições: a de 1891, a de 1934, 37, 46, 67, a “colcha de retalhos” e a de 69. E agora, estamos vendo mais uma de 5 de outubro de 1988, que já estão pensando em modificar. Poucas emendas já estão previstas aí. Então eu vou fazer uma leitura só, rápida: “O que eu vi”. Um jovem, mal completando os seus dezoito anos. “O que eu vi”, eu vou ler para vocês só para vocês terem uma ideia. “O que eu vi? O entusiasmo, a solidariedade, a cooperação e a colaboração de todo povo paulista. O que eu senti? O quanto pode um homem quando seu ideal visa somente o bem da Pátria. O que eu aprendi? Que o Brasil sempre foi uma grande Nação, una, coesa, amada por seus filhos e em cuja bandeira as palavras “Ordem e Progresso” bem espelham o espírito de civismo e brasilidade que reinavam no coração do jovem nos idos de 1932”. E os jovens daqui fizeram algumas

perguntas que nós vamos tentar responder na medida que for possível, e aqui diz a primeira: “Houve participação do movimento estudantil de Sorocaba na Revolução de 32? Como era esse movimento?”. Sim, houve participação do movimento estudantil de Sorocaba, porque sempre o espírito de civismo e brasilidade reinam no coração dos jovens em todos os tempos e em todas as épocas. A corrida dos primeiros voluntários estudantis, operários, civis e todas as camadas sociais aos postos de alistamento militar para em seguida seguir para as várias frentes de combate, a cidade [Sorocaba] teve sim uma participação efetiva, ativa e efetiva. Houve apoio ou participação dos partidos políticos? Quais? Sim, porque a cada Batalhão formado, os políticos saíam às ruas para que em discursos inflamados, com bandeiras e cartazes, conclamavam os jovens, os homens válidos para a luta cívica de São Paulo. “É realidade que o Estado de São Paulo queria emancipar-se?”. Isso nunca passou pelo coração de qualquer um dos jovens como está havendo agora no Rio Grande do Sul para se formar uma Pátria independente. Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Oxalá não haja esse movimento. E assim, sucessivamente nas demais frentes de combate onde nós participamos e embora com superioridade de 6 homens para um, São Paulo conseguiu agüentar durante três meses, de 23 de maio a 28 de setembro de 1932. Aí houve um acordo com o Governo Federal. São Paulo se rende, mas se rendeu de pé! Houve represálias para os grandes chefes. Para nós, como eu, o Mário e outros que eram soldados, cabos e sargentos, a volta aos quartéis depois de três meses de ausência da família. Para nós não tiveram represálias, a não ser a saudade daqueles que partiram para a Europa no exílio, perdoados depois pelo próprio presidente da República, com um decreto que ele diz assim: “sendo impossível punir todos os elementos do Exército brasileiro que participaram da Revolução de 1932 por estarem em lugares desconhecidos, o Governo Federal resolve então tornar sem efeito o decreto que exilou os nossos chefes políticos, Pedro de Toledo, General Klinger e outros elementos”. Então voltou a paz ao Brasil dos elementos que passaram vários meses na Europa curtindo a sua mágoa de ter participado da Revolução de 32. Vocês vejam então que o espírito de civismo e brasilidade que reinava nos idos de 32 sempre reinou no coração de jovens como vocês. É isso o que eu tinha a dizer.

III. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Aluísio de. Sorocaba, 3 séculos de História. Itu: Ottoni, 2002.
 CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. Salvador! Sorocaba: Create, 2001.
 _____. Nossa gente negra. Sorocaba: Create, 2013.
 FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1999.
 Jornal Cruzeiro do Sul (Acervo do Gabinete de Leitura Sorocabano).

